

O

ME

ON

RC

RA

ON

T

A

D

O

E  
O  
U  
T  
R  
A  
S  
H  
I  
S  
T  
Ó  
R  
I  
A  
S

FABIANO A. SALIM



FABIANO A. SALIM

O MORRO  
ENCANTADO  
E OUTRAS HISTÓRIAS

1ª edição

Belo Horizonte  
Edição do autor  
2021

Catálogo na Publicação (CIP)

---

Salim, Fabiano A.

S165m O morro encantado e outras histórias / Fabiano A.  
Salim. - 1a. ed. - Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2021.

124 p.

ISBN: 978-65-00-17111-2

1. Ficção brasileira - contos I. Título

CDD: B869.35

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

O MORRO ENCANTADO E OUTRAS HISTÓRIAS

© 2021 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO CAPA

Tales Ramalho Salim

FOTOGRAFIA

Fabiano A. Salim

REVISÃO DE TEXTO

Ana Valéria Fink

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

[fabianosalim@gmail.com](mailto:fabianosalim@gmail.com)

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráfica

Belo Horizonte, dezembro / 2021

1ª edição: 2021

**ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO  
COM A NOVA ORTOGRAFIA.**

Para meus pais Adib Salim Abdalla  
e Vicência Amorim Borges Abdalla.



## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	9
O MORRO ENCANTADO.....	11
DISCO VOADOR.....	29
AMIGO É AMIGO.....	47
ALMA DO VINHO.....	57
OS SÓCIOS.....	67
AUTOCONTROLE.....	81
NONOCA DO CAPÃO.....	93
A APELAÇÃO.....	109
BIOGRAFIA AUTOR.....	124



## AGRADECIMENTOS

Uma coletânea de contos, no ano de 2015, foi meu primeiro livro publicado. Este é o sétimo volume, também composto de contos. Atravessando o caminho aberto na tentativa de escrever, sempre contei com muitas pessoas que, com paciência, leram rascunhos, deram opiniões, incentivaram.

A todas, meus sinceros agradecimentos.



# O MORRO ENCANTADO



A paisagem. Ele no quadro das manhãs.  
Um rito.

Depois do café, encostava em uma das pilstras da varanda, na entrada principal da casa, apreciava por um bom tempo o visual, fumava um cigarro, saía com ares de contentamento.

Dava muito valor àquele costume. Dizia que a paisagem, inalterada no que parece aos olhos, tem alguma coisa de diferente a cada dia, como as mudanças nas pessoas com as quais convivemos diariamente e temos, muitas vezes, dificuldade em perceber.

Em pé, uma perna dobrada apoiando a sola da bota na barra da viga, caminhava com o olhar,

era isso, desde onde pisava até o paredão bem lá no fundo, morro fantástico, maciço em ângulo reto com o seu arredor.

Começava vagueando a vista bem aos seus pés, no jardinzinho cuidado pela esposa, dois lados separados pela estreita senda de chão batido que ia da casa até a portinhola de bambu, sempre escancarada; uma miscelânea silvestre distribuída em canteiros arranjados na medida que o espaço demarcado aceitava. O limite era estabelecido por ripas fincadas, perfiladas como um exército guardião daquela mistura de flores, capricho em cores.

Saltando a cerquinha em pensamento, ele via o matinho rente ao chão, estendido no terreno plano até mais adiante, topando com o início do aclive que permanecia com a mesma ladeira por um bom pedaço até o fôlego da natureza resolver enfrentar a montante, tornando-se uma ribanceira mais grave em meio aos pedregulhos até chegar ao pé da serra, o monte gigantesco, conhecido como Morro do Chapéu, grimpa atrelada ao céu, cujo tamanho não embargava o horizonte de seus sonhos.

A pilastra, a paisagem, os hábitos, as belezas da vida. O que passou a sentir Feliciano não mais se ajustava nesse retilíneo. Acresceu em sua alma a necessidade de repisar lembranças na busca de anestesiar a falta que decepou a bondade que era voltar depois da labuta no campo, sorrir o corpo, saltitar o espírito, encontrar em casa a mulher e os filhos.

Por onde quer que andasse, o pensamento conduzia a um só rumo: saudade.

Na rede, sossegada de embalos, Feliciano circunvagava o olhar: o passeio estreito, tijolinhos, que davam volta em toda a casa para amortecer os pingos de chuva; a varanda esquinada, frente e lateral esquerda; o piso bem-acabado, cimentado que começava pelo alpendrado, se esparramando por todos os cômodos, ainda mantinha uma sobre de brilho que a mulher, Alzaira, estava sempre polindo; o rádio em cima da cômoda, calado há meses; a cristaleira lotada de copos, canecas esmaltadas, presentes diversos em louça, vidro e porcelana, mostrava, com a poeira acumulada, o desinteresse do dono.

Ainda deitado, por uma nesga enxergava parte do quarto de casal. No encontro de duas

paredes, o oratório improvisado que a companheira instalou para abrigar a imagem de Nossa Senhora da Piedade, a quem elevava suas orações em busca de proteção, não se cansando de detalhar os milagres atribuídos a ela. Até então, Feliciano não tinha reparado na santa o olhar piedoso, como se ela compreendesse sua aflição.

Dali mesmo, arredando a cabeça no sentido da mureta da varanda, via, do outro lado, um resto de horta; era o mesmo que sentir, nas suas, as mãos da esposa que trabalharam na produção de folhas, verduras.

Fechando os olhos, visualizava o quintal como se estivesse saindo pela porta da cozinha, do lado inverso de onde estava, terreno levemente descido que levava ao quinhão do sustento, baixada boa de terra fértil, enriquecida com aguada, porção de onde obtinha o aval para produzir filhos, colher felicidade. Abria uma tira de sorriso ligeiro no canto da boca ao lembrar que o veio d'água, denominado Córrego dos Pelados, fora assim batizado pelo costume da petizada, todas as tardes, de se banhar nua. Os filhos. Ah! Os filhos...

Nas suas recordações, as coisas tomavam alma. Logo ao lado da porta da sala, uma cadei-

ra, assento e encosto em couro afixados com tachões, compra que fez por ser semelhante às que tinha na casa dos pais, trazia um pedaço da infância. Revivia o pai carrancudo, a mãe tentando colocar pano quente na falta de carinho dele com os filhos. Com ela também.

Quando faziam artes, o que o velho chamava de transpor os limites da boa conduta, no lugar de tungadas ou beliscões, coisa que não se lembrava de ter recebido, era o castigo de ficar, por um bom período, ajoelhado em um canto da sala, de um quarto. Pior que a imobilidade era a zombaria dos irmãos, agarrados em liberdade provisória, transitando risonhos, fazendo mímicas, momices, inflando as bochechas para em seguida explodir em risadas. Durante o castigo, o da vez, também não era raro acontecer com mais de um ao mesmo tempo, recebia a alcunha de Rei Bochechudo. A origem de tal insulto ninguém podia explicar. “Ah, tempo bom!” Novamente esboçava um sorriso.

E as recordações giravam. Moeu a época de solteiro, repassou a juventude, as viagens de tropeiro, a gadaria, a peonada, as festas de rodeios. Lembrou do dia em que conheceu Alzai-

ra em uma quermesse no lugarejo vizinho, festa anual da padroeira, uma agitação com novenas, sorteios, leilões, bingos valendo brindes que distribuíam de pirulito a frango assado. Tudo nela mexeu com sua caixa do peito, inflando-a com sentimentos nunca percebidos. A prenda. A paixão. “E ela com ele, será o que viu?” Ficava se perguntando. Em solilóquio, esticava “Era eu um rapaz bonito? Não, não era”. Continuava rondando em pensamentos: “Era rico?”; “Era pobre?”; “Era feio?” Com todas essas questões respondidas em negativas, fazia cara de satisfação, encerrava o assunto “então... deixa prá lá...” Sabia, no fundo, que era correspondido. Agradecia a Deus.

Uma só quermesse aconteceu entre o início do namoro e o casamento. Ele, galanteios comidos, sem muito traquejo, só começou a desvestir a timidez depois de certo tempo, quando aconteceu o primeiro beijo demorado. Ela, no entanto, extrovertida, espirituosa, quando chegou ao pé do altar não conseguiu arrefecer o jato de emoção; a tez amorenada não escondeu o rosto tomado de rubor, de alegria, destacando o alindamento do vestido em branco. Gostava ele de

contar tal registro, uma forma de fazer empate com a tremedeira que o sacudiu de corpo inteiro.

A festa marcou, também, a grande mudança em sua vida. Oriundo de uma vida caminhante, daquela data em diante seria um homem fixado, assentamento para fazer raízes, amar, criar família, cumprir juramentos.

Esticavam a semana no trabalho até sábado no início da tarde. Depois, combinado é combinado, a família crescendo, a dedicação seria para com os filhos em tempo mais livre.

Missas aos domingos eram assim: pulava um, tinha no outro. Com o padre vindo de longe, depois das rezas ministradas sempre aconteciam chamamentos para aproveitar o resto da manhã com batizados, crismas, confissões.

Dispensado o pároco para o almoço em uma das casas, recepção alternada entre os fiéis na combinação do melhor banquete, outras reuniões eram convocadas. Dessa vez, o propósito era para um jogo de truco, rodadas de doses acompanhadas com torresmo, requeijão moreno, carne de lata. Negócios aconteciam, mas em magras catiras, porque dinheiro vivo não rodava muito por ali, até nem fazia tanta falta, o escam-

bo dominava: era pinga por doce de leite, porco por bicicleta, gamela por balaio.

As mulheres, com o entusiasmo de sempre, como se estivessem no arranjo de uma festança, faziam grupo no barracão de chão puro, cobertura com palhas de buriti, ao lado da capela que regia o povoado em sua parte mais alta. Era o tempo que a criança tinha para se embrenhar onde quer que fosse, sujar a farda domingueira, ralar joelho, cotovelo, sem ninguém para chamar a atenção.

Para a ocasião, tudo era preparado de véspera: as roupas, os sapatos, as matulas. O sol dava o sinal da partida assim que jogava seus primeiros clarões por detrás do morro, antes de subir para desfazer a sombra imensa da muralha acinzentada, ainda com a aragem friorenta rociando a pele, fazendo baforar fumaça pela boca. Ah! Por ali volteando, esperando a hora da partida, também a cadela Borboleta, amarelinha de tudo, pura vira-lata, parte da família. Ela gostava de se aninhar aos pés de quem estivesse parado.

Chegava o instante de grande animação. Aboletavam-se todos na carroça, atiçavam o animal para o reboque, um mexe-mexe risonho su-

bindo pelo carril desenhado pelas rodas roceiras até a estrada vicinal, no topete do elevado, justo onde iniciava a segunda etapa da empreitada, um estirão até Macaúbas, arraial em volta do largo da feira, formado por um quadrado de casas simples. Era a condução, tração rude, solavançada pela troteira mula Preta.

Danou a pensar na criançada novamente. Agora, adolescentes, ao lado da mãe barriguda. Seria o quarto rebento, cria tardia, é bem verdade, mas ainda era de tempo. “Sim, era tempo, era mesmo”, afirmava quando alguém ensaiava insinuações. No fundo, ele não se importava com o que as pessoas pensavam sobre o assunto, cada uma que ficasse com seus acho isso, acho aquilo. “Ora, essa!”

O primeiro da prole era o retrato do pai quando tinha aquela idade. A menina, cópia da mãe. O terceiro, mistura equilibrada do casal. Olhos de um, lábios de outro.

Em família, a chegada apelidou cada: era o menino maior, o menino menor e a criança do meio.

O caçula, encapetado, não deixava ninguém ficar quieto, bulia com tudo e com todos, se sen-

tindo um pequeno líder, dada a proteção que sempre recebia.

O mais velho não largava do pai desde os primeiros passos, criado na barra da calça. Começou cedo a ajudar nas pequenas tarefas, o que, provavelmente, ramificou em sua formação certa sisudez quando pegava no trabalho.

A filha, ligada à mãe, dela herdara até os gestos, era de uma vivacidade que encantava, seja lá onde estivesse. Portava um espírito animado, tinha a quem puxar. Tais semelhanças eram um tesouro para as recordações do pai.

Não deixava escapar das lembranças o mais novinho. O mais novinho levou... estava tudo tão bem ajeitado...a vida... tinha pouco mas era muito, uma existência recatada, mas não monótona.

Os afazeres da roça permitiam um sono de sossego certo. Era quase tudo produzido da porteira para dentro: milho, feijão, rapadura, farinha e até a alambicada da própria cachaça de beber na cabacinha. A propriedade era de bom tamanho. Sítio do Morro Encantado, nome que escolheram para o lugar, embora tivesse extensão para lá de fazenda.

Os filhos precisaram sair. Não teve como segurar. Contornou. Não se valeria de egoísmo, não o tinha. Afinal, era tempo de os meninos acompanharem o mundo, se inserirem nos estudos. O futuro pedia. Era o seu consolo.

Ele sempre dizia que se é semeadura da gente, a planta passa a ser nossa criação, que nem os filhos, se você quer ver crescer não pode abafar. Foram. A ausência dos três aumentara a solidão, mas não agravara o vazio ulceroso que já sentia com a falta da mulher.

“E como a vida muda tão de repente!”, suspirava lastimoso. Desenrolou em sua cabeça a época em que as estações chegavam, iam, alternavam-se para o retorno que os encontrava na vida arrumada de sempre. Sim, justamente, era assim mesmo!

Mas chegou certa estação. Dentro dela, um só dia foi o suficiente para que seu fruto mostrasse o sabor desconhecido da incerteza, o travor da desesperança.

Fim de tarde. A parteira chegou depois da hora. Os gemidos da mãe não mais se ouviram depois de um grito fino e alto. O choro de tapinha também não veio. Silêncio arroxeadado.

No dia seguinte mandaram chamar o sacerdote. Gente das corrutelas, das fazendas vizinhas e os filhos assustados acompanharam na subida até o ponto mais alto e acessível antes da fralda do rochoso abrupto. Naquele tempo os sepultamentos aconteciam com orgulho na terra própria, uma forma de agradecer pelo que ela tinha proporcionado.

Depois da morte de Alzaira, Feliciano sonhava com ela todas as noites, sem falhar, até que, certa vez, a viu deitada em um ataúde. Tudo era branco. Ele ficou imóvel, sem desviar a atenção. Ela se levantou. Entre eles surgira uma grade, baixa, fácil de transpor, mas o suficiente para fazer entender sobre o impedimento de saciar seu desejo de abraçá-la. Ela, de pé, bem à sua frente, permaneceu de olhos fechados por um breve tempo. Ao abrir, disse apenas “Tenho que ir”, fez cara boa, girou o corpo, foi se afastando em um espaço plano, amplo, que não conseguiu identificar.

Os sonhos nunca mais aconteceram. Sem ela dentro deles, o sono perdeu a importância, a insônia tomou conta da cama, o prazo de ficar acordado encompridou, as sensações indefinidas

engrossaram a tristeza, esticando o que já era penoso.

Tornou-se calado, a rememoração invadia, dilacerava como chaga grave. No início, tentava esquecer batendo o olhar vago para qualquer lado, a memória rodava, voltava ao mesmo ponto. Sem perceber, estava novamente mirando fixo para o lado do morro, as duas cruzes no aprumado do terreno, sepulturas da mulher e do filho que a levou, minguando no lugar de brotar. O local fora ajustado entre Feliciano e Alzaira, escolhido, entre risos e gracejos, assim que tomaram posse do imóvel, invasão de alegria.

Uma tarde, encostado na mesma pilastra, agora arrimo de seu silêncio de revirar nostalgia, quando bateu mais uma vez os olhos nas cruzes, sentiu roncar a pancada de desânimo no peito. Foi como se o tempo tivesse perdido a paciência, ditando o limite, pois o consolo de que com passar dos dias tudo se restabelece, em nada estava adiantando com ele.

De cabeça derrubada, desistiu de ultrapassar o limiar da porta. O vazio da casa incomodava na profundidade. Engelhado, se jogou na rede. Dali em diante, não mais dispensou tratos. Para

nada. Nem às plantações nem às criações, muito menos à própria existência.

Enganchado no mesmo canto, restou sem querer se apresentar a qualquer tipo de obrigação. Vontades estiadas. Noção perdida para o re-lógio. Não percebia os dias dobrarem, as noites esparramarem.

Portas, janelas, permaneciam cerradas todo o tempo. Durante a madrugada, o vento frio, descendo da encosta, fazia visita. O silêncio era tamanho que podia escutar as árvores soprando cochichos em sereno alcoviteiro, esparramando resenhas pela ramagem miúda acocorada.

Abrir a casa todas as manhãs, que traduzia esperanças para uma nova jornada quando o sol adentrava, não fazia mais sentido. Sobrava um pouco de força, nada que pudesse mudar o espírito instalado, era apenas o suficiente para as preces, sempre deixando fiapos de orações para depois, o que tinha certo para espairer nos pouquíssimos intervalos entre memórias.

A dor imprecisa esbagaçou, doença sem ferida de carne amarrotou, colocou negrume nas reações que precisava para mudar a razão. Sua vontade era que o coração deixasse da teimosia

de querer golpear. Não desejava a própria morte, mas não teve ânimo para se debater contra ela.

\* \* \*

*“Morrer de alegria”. Foi o tema abordado em uma roda informal.*

*“Alegria não, mas tristeza, sim, mata”, alguém disse.*

*Então essa história foi narrada. É bom saber que, mesmo com o carinho dos amigos, os filhos ao seu lado, impossível foi um desfecho diferente. Suas conversas, recordações, sentimentos expostos, estão bem guardados.*

*Hoje, no meio do caminho até o paredão, encontra-se fincada uma terceira cruz.*

*Sou o filho mais velho de Feliciano.*



# DISCO VOADOR

*Para Lécio Silva*



A história é repertório de um ancião, amigo da família desde longa data. Era um dos estudantes presentes à visita realizada na fazenda, palco dos acontecimentos narrados adiante.

Eu conheço o episódio de cabo a rabo, pelas tantas vezes que o escutei. Nosso velho amigo começa sempre da mesma forma, continua em um linear, sem alterações, até o arremate final. Não me cansa, é sempre um prazer ouvi-lo na narrativa, parece que volta no tempo, rejuvenesce. Quando se encontra em um canto, casmurro, para agitá-lo é só pedir que conte o caso dos discos voadores. Pronto! Então se ajeita no assento, pigarreia falsamente como para pedir atenção,

solta a voz mansa, rouca, acompanhada de gestos mil, e vai desenrolando o novelo dos fatos da forma que se segue:

“O ano era de 1957. Eu estava no segundo ano da Escola Superior de Agricultura, hoje Engenharia Agrônômica.

Mundo afora notícias importantes eram comentadas, como a famosa Laika, cadela russa, o primeiro ser vivo terrestre a ir ao espaço a bordo de um foguete.

No Brasil o assunto em voga era a inauguração, no breve, da nova capital federal, Brasília, audaciosamente planejada, construção no cerrado, um ermo sertão para muitos.

Nas artes faziam sucesso, tanto na literatura como no cinema, as ficções científicas, principalmente as de seres extraterrestres invadindo nosso planeta, chegando em discos voadores com seus tripulantes assustadores.

Pois, bem! Não tinha quem, margeando aquelas cavancas, batendo os olhos no casarão montado no serrote que lhe dava um ar exibicionista, não exclamasse “êh, varandão danado de bonito!”

O prédio rústico, enorme, circundado por balaustradas, com pilastras rebuscadas, era o verdadeiro símbolo das grandes fazendas em uma época de fartura, proprietário abastado, filhos estudando em localidades importantes. Realmente a varanda era o destaque. Sua largura abusada abraçava a casa toda, comportava esparramados, por onde quer que fosse, artesanatos, móveis robustos em madeira de lei, plantas dependuradas nos travessões, arrimadas em suportes de ferro.

De toda a extensão daquele alpendrado, a parte ligada à cozinha era a mais frequentada. Tal costume é explicado pela proximidade do fogão a lenha que, além de brilhar o ambiente com suas chamas, era de seu forno que saíam as quitandas; em suas trempes, sempre aquecidas, o café se mantinha quentinho, o tempo todo, bule esmaltado, fumegante, à mão de quem quisesse se servir.

O senhor das terras era um homem sacudido, esguio de altura, bruto no domar de cavalos, valente no tanger da gadaria, enérgico para com os negócios, mas de fala mansa, tratava seus empregados de forma amável, atencioso. Quando o sol anunciava em sua despedida a hora do des-

canso, agrupar naquela grande varanda a peonada, familiares, vizinhos e, de vez em quando, algum bufarinheiro que pedia pouso, era o seu maior prazer, uma festa, momento de descontração para colocar a prosa em termos, salientar acontecidos na faina, comparar a produção esperada com a de anos anteriores, matraquear, repetir casos.

Bom anfitrião, casa hospitaleira sempre de portas abertas, recebia na fazenda qualquer pessoa, independente do naipe de importância, desde as mais simples até as autoridades políticas, religiosas. Fazia questão. Tudo para não arredar pé do seu cantinho. Não gostava de viagens.

A propriedade rural, de muitos trabalhadores, era um cafundó que esparramava beleza pelos recantos, uma tranquilidade a que todos se entregavam para remansar as convivências, pisar em chão de segurança. Os mourões de seus aco-lás eram, para a maioria, as esquinas do mundo, onde se chegava à cancela da divisa através de ramal acanhado, só.

O que existia de localidade mais próxima era um ajuntamento ralo de casas ensaiando formar um arraial. Lá, ao redor de uma igreja

para poucos capelistas, quase nada se encontrava para comprar, uma feirinha minguada, de apenas gente vindo de longe para o escambo de insumos extremamente necessários. De resto, para um abastecimento mais graúdo, tinha que ser na cidade mais próxima, miúda também com suas poucas ruas gorgulhentas, um comércio que não era lá grandes coisas, um sortido de parques. Quando a necessidade exigia fazer chão até lá, as juntas de animais eram cangadas. O rompimento era o de um tempo comprido de percorrido. O viajante quando partia recebia despedidas calorosas dos parentes que ficavam na retaguarda, enfileirados na porta de casa, do pequenino ao maiorzinho, capiongos, escutando o melodioso chiado das rodas até verem embrenhar o vulto vagaroso do carro de boi na curva do carreiro de barro socado. Somente jornadas depois um berrante repicador anunciava o esperado retorno.

Em quando se falando da capital, imaginavam-na os habitantes daquelas roças como um lugar em que nunca conseguiriam colocar os pés, puro sonho, dado o dificultoso que era vencer a distância, precisando sempre de combinações

entre montaria, tração animal, trem sacolejando preguiça, veículos na raridade de quase não existir, jardineiras com o bagageiro sobre o teto levantando poeira no lado de fora, revirando o mesmo pó pelo lado de dentro. “Uma vida até lá”, diziam.

Desentendido de grandes ajuntamentos urbanos, o patrão amaciava o coração com a lida dura na terra. Sabia que o pequeno caminho que serpenteava de sua porta encontraria com a vicinal mais à frente. Dali, por sua vez, toparia com o estradão largo formando um mapa cheio de sendas, desenhador de sinas, levando seus filhos a uma condição mais aperfeiçoada com a educação nos estudos. Foram.

O tempo passava e, passando, aumentava a ansiedade por uma visita dos meninos que todos viram crescer correndo pelo vergel, aprenderam a gostar com muita estima. “Demorou mas chegaram”. Foi assim o anúncio repassado de um para outro, vindo de serviçais na proximidade da sede, observadores primeiros de um grupo de jovens batendo o pó dos sapatos para entrar na casa principal. Lá estávamos com os filhos do patrão, colegas de faculdade, para desfrutar dias de fol-

ga. Moços e moças. Para o pessoal do local, uma novidade. Grande. Em tudo: O modo de vestir; o desuso de chapéu; saias acima do recato dos joelhos; os gestos em demasia; a forma de falar com o arrasto de palavras que despertava mais olhares que ouvidos.

Naquele dia, no horário de encontro no copiar, ao anoitecer, quase não cabia de gente. Foram surgindo aos poucos. Alguns aproximavam lampeiros, outros desconfiados, acanhados como sempre na chegada a estranhos.

Os adultos ocuparam todos os bancos compridos em madeira, sem encosto, ao longo de toda a parede. Se ajeitavam também nos escabeiros. Ainda assim não foi suficiente, tiveram que arrastar algumas cadeiras de dentro da casa. A meninada, sem um pio, com atenção total, coallhou o resto do espaço, se espraiando no chão brilhoso de cimento vermelhão.

Enquanto as chamas dos candeeiros, distribuídos estrategicamente sobre mesas, suportados nas paredes, bruxuleavam iluminando até os cantinhos mais afastados do alpendre, os assuntos deslizavam. Trocamos ideias sobre negócios na fazenda, preço da arroba de boi, das planta-

ções, custos que não ajudavam, da necessidade de novas derrubadas, sem as quais era impossível aumentar a renda.

Com a pergunta de como eram as coisas na cidade, falamos do nosso curso, de técnicas inovadoras; da politicagem que corria solta em cada avenida; dos planos de construir uma nova capital, lá no meio do planalto central, em feitio de avião, o que causou estranheza geral, pois a referência que tinham do cerrado era a de um sertão de matinha rala, árvores tortas, baixas no desigual, crescidas na pirraça, causando dificuldades para quem se atrevesse a deitar destemor na sua dominação. Percebemos que alguns meneavam a cabeça, querendo perguntar como é que podia uma coisa daquela, mas se calavam sem coragem de perquirir.

Uma voz pausada opinou que era mesmo o fim do mundo, que nem tinha chegado o tempo e as coisas já estavam desandadas, que daquele jeito o mundo acabaria bem antes do esperado.

Contamos do que tinha para fazer: parques, bailes, bares, outras diversões. Inevitavelmente falamos de cinema. A curiosidade foi grande. Tivemos que explicar alguns pormenores de como

funcionava. Uma parte ficou de boca aberta. Dúvidas? Se existiram, cada um ficou com as suas.

Dos filmes a que assistimos, começamos a esmiuçar: um repassou comédia provocando risos; outro metralhou filmes de guerra que criaram certa tensão. Dos faroestes, o duelo final sempre aumentava a concentração.

O nó na cabeça de cada um, acredito, foi apertando na medida em que desvendávamos as fitas sobre a invasão de extraterrestres em nosso planeta. Descrevíamos os outros seres que chegavam na terra através de discos voadores no formato de pratos gigantes, com pernas enormes com muitas articulações como se fossem joelhos para agachar e, agachados, abriam uma tampa no fundo daqueles pratos com os extraterrestres saindo com suas armas que matavam sem balas, apenas com feixes de luz.

Quando se fez referência a OVNI, um menino admirado, com o olhar curioso, disparou “É o quê mesmo, seu moço?” Traduzida a sigla, ele largou esticado “Humm”. Foi o que conseguiu retorquir, fingindo ter entendido tudo, tintim por tintim.

Do lado de fora, o breu era cúmplice das imaginações. Quando alguém palpitava, todos circulavam as vistas em sua direção, retornando, imediatamente, ao dono da história quando este retomava a narração. Um vai e vem de olhares. Menino, então, nem falar! Aqueles mais atirados, quando em grupo de molecada, tenho certeza, deixaram de roncar valentia, quedaram embuçados, queixos caídos.

A curiosidade buscava detalhes. Foi dito que, de longe, os discos voadores pareciam uma estrela cadente, depois iam aumentando, aumentando. Quando se aproximavam do chão é que dava para ver o quanto eram grandes. Onde pou-savam, varriam tudo. Gostavam das grandes plantações planas. Nas de milho, deitavam uma área enorme. Indo embora, deixavam tudo estorricado que não servia para mais nada, pior que geada de trincar.

Tivemos que descrever, mais de uma vez, que dos discos desciam tipos com cabeças grandes, carecas, olhos enormes de mosca; as bocas sempre pequenas, só um risco, sem lábios; nariz de chimpanzé, orelhas grandes que nem de burro; eram todos baixinhos, corpos verde cascudo.

Como ninguém conhecia cinema, fiquei com a impressão, pelos semblantes, de que aqueles relatos passavam a ter uma nesga de verdade, lá no fundo das cacholas. Adultos engoliam em seco. Meninos esbugalhavam os olhos. As mulheres se benziam.

Lembro que um deles chegou a perguntar o interesse dos ET`s pela Terra. A resposta, enfatizando a colonização de nosso planeta, nos fez ouvir as mais diferentes exclamações do dicionário sertanejo, uns tais “uai credo uai!”, “sê besta sô!”

O mais engraçado foi quando um lavrador, calado até então, parecendo querer o cinema bem longe, rebolou sua dúvida buscando alívio:

— Será que não é que nem bicho de pé, na orelha, que ninguém nunca viu?

Também não me esqueço, um dos moradores, parecendo ser dos mais velhos, não suportando a curiosidade, lascou:

— Tô aqui balanceoso, e apiava montoeira desses iscumungados dos tal de prato marrudo?

A gargalhada foi geral.

Para os meninos, biscoitos. Para os adultos, cachaça servida em cabacinha. Cada hora uma

coisa. Tudo quanto havia de bom. Enquanto comiam e molhavam a palavra, um senhor suspirou defesa: “Eles vão ver, o boi sabe onde arromba a cerca!”

O assunto foi tão empolgante que, naquela noite, quando deram fê, o proseio adiantou mais um pouquinho que o horário de costume. Não houve espaço para o ponteado da viola, que sempre teve sua vez garantida para gemer entre um assunto e outro. Também não tiveram vagas as rodadas do “senta e levanta” de truco.

Na hora de cada qual ir embora, se apartavam acabrunhados em gentis boas noites, com calcanhares girando para apontar o bico da botina na orientação de casa. E a lua, hein? A lua, querendo se divertir também, deixou de espalzar sua incandescência prateada dando lugar ao breu, exigindo dos caminantes que apalpassem o chão com os pés. No entanto, os espantados com o que ouviram, reparando nas estrelas, assuntando se alguma ousava tamanho ou brilho no demasiado, querendo chegar logo em casa, sem o cuidado de cutucar os olhos por onde pisavam, acabavam sendo empurrados por tropicões, catando gravetos na desconfiança do que poderia vir por cima da própria cabeça.

Ao se aboletarem na cama, cobertor até o pescoço, olhos fixados no escuro, muitos ainda embolavam as histórias no juízo. Plainavam a curiosidade, espanto. Foi o que imaginei, confirmei depois. Mas era preciso agarrar logo no sono pois o dia para eles começava antes que a madrugada se desse por vencida, antes mesmo dos pássaros pipilarem, do sol nascer de um lado para imbicar as sombras para o outro, rumo ao oeste. Com a aurora rompendo em cores, os homens já lidavam no preparativo para a brava jornada; os filhos ajudavam nas pequenas tarefas antes de pegarem a vereda para o turno das aulas; as esposas, na correria, coadjuvavam em tudo.

Pensativo também ficara o dono da fazenda. Ele nos disse que na manhã seguinte, bem cedo, antes de empurrar a primeira porteira para ganhar o sentido da labuta, com a mão apoiada na trava, campeou os olhos pelo tabuleiro de eitos cortados de aguadas onde vicejavam as lavouras, as pastarias, tudo num verdoso que descampava até o horizonte, lá longe, cerca invisível dali, o limite da propriedade. Agradeceu ao padroeiro por tudo que tinha. Aproveitou e pediu mais proteção, pois em sua cabeça habitavam dúvidas

sobre os tais discos voadores. Disse ainda que entre uma tarefa e outra o mote ressurgia. Então ficava se perguntando “será, meu Deus?”

No segundo dia as resenhas começaram mansas. Marcaram palavras nas pescarias: as melhores iscas. Nas caçadas: os melhores cães farejadores. Entre fisgadas e pontarias, os discos voadores pousaram novamente na conversa. Teve caso de extraterrestres que sugavam as almas das pessoas; outros passavam a ser idênticos ao povo daqui; e até bases em cemitérios, onde reavivavam mortos para montar exércitos de fantasmas, zumbis.

E a falação deixava os ouvintes excitados, em silêncio de morte. Era uma em cima da outra. Nem as histórias das onças-pintadas, que sem mais nem menos aparecem na frente do sertanejo distraído, encurralando o coitado, bambeando suas pernas em trilhazinhas sem saída, causavam tanto assombro.

Nos dias seguintes as narrativas tiveram o frenesi reduzido. A convivência já abria liberdade para um palpite aqui, uma risada descontraída ali, uma piadinha. Ainda assim, não me sai da cabeça que para os rurícolas, em momento al-

gum, deixou de existir uma pontinha de que tudo aquilo poderia mesmo acontecer, mas que fosse bem lá longe, onde nunca iriam se aboletar. Tirei essa conclusão através de conversas com um, com outro, fora de encontros com os demais. No rodeio das palavras, muitos deixaram a bem entender que, no silêncio de fôlego encurtado, pré-dicas ligeiras foram elevadas.

Na derradeira noite não teve resenha. A viola se vingou. Na ligeireza, tomou conta logo; num repente surgiu um urucungo; a sanfona não quis ficar para trás; um cateretê de despedida se arastou varanda afora.

Quando partimos, tentei adivinhar como poderia ter ficado a imagem daquela rapaziada visitante em cada um dos que ali moravam: mirar para o infinito da estrada sonhando com a nossa volta, quem sabe, algum dia; reparar os bancos debaixo do telheiro, ao lado cozinha, revivendo o que ali aconteceu; olhar para cima, entender o céu também como a moradia de discos voadores.

Que saudade tenho! Muita conversa, tamanho aprendizado! Foi um tempo danado de bom, daqueles para guardar eternamente.

Decorrido algum prazo, fato que chegara daquelas bandas, não muito distante de nossa despedida, o dono daquela fazenda, ao pé do rádio a pilha, principal aparelho da casa, luxo exposto na sala de visitas, chamou a esposa:

— Corre muié, vem ligeiro, corre!

— O que foi? — Chegou apressada, enxugando as mãos no avental.

— Arrepare na música, espia só, parece até que estão cantando as histórias que os meninos contaram pra gente, lembra?

E o rádio esparramava no ar uma melodia.  
Assim:

*Tomara que seja verdade  
Que exista mesmo disco voador  
Que seja um povo inteligente  
Pra trazer pra gente a paz e o amor”.*<sup>(1)</sup>

---

(1) Trecho da música **Disco Voador**, de Palmeira, sucesso na década de cinquenta.

AMIGO É AMIGO



Confiança e franqueza, entre outras, são incrustações desejadas nas amizades, o que não impede que a estima vigore com sua existência parcial. Conheço amizades em que uma das partes deixa escapar nariz torcido com o parceiro, quando descombinados em certos modos de pensar. O amigo da onça pode ser um grande companheiro, também. Não é mesmo?

Pois bem! Um casal de nosso círculo de amizades, mancebia sancionada nas leis celestial e terrena, melhor ocultar nomes, sempre clareou que se tomasse conhecimento entre os amigos de alguém em traições, promiscuindo juramentos de altar, não pensaria duas vezes, chamaria

o lado iludido num particular, destrincharia, não esconderia vírgula do que soubesse e, por assim pensar em agir, tirava muito orgulho.

Acontece que a infidelidade passou a andar de mãos dadas com tal casal, emudecendo toda a turma. Foi uma danação. Caso e conceitos se misturavam como óleo na água. Ninguém tocava no assunto. Em desventuras semelhantes, são normais as acesas manifestações, os conflitos de opiniões. Aqui, não! A proposital dessabença navegou até que um belo dia, ou melhor, uma noite não tão guapa, o flagrante assustou, fez levantar, correr da cama, lá deles, nos dispensando de ouvir “você sabiam e não me disseram nada”.

Tal caso servirá para emendar com outro ao contrário. Explico: Na maioria das vezes em que o angu tem caroço, ninguém desconfia. A história a seguir é exatamente o inverso.

Vamos lá! Cândido era um amigo com feitio diferente, deferente, tranquilo, de vocação doméstica, forte exemplo de fieldade. Fora de casa o prazer se resumia na roda de cerveja com os camaradas, todos os sábados, à tardinha, no mesmo bar.

Conhecendo o temperamento tico-tico no fubá dos companheiros da tábola quadrada que

o marido frequentava, a esposa começou a embutir coisas na cachola, incerteza intrincada: “aí tem, conheço aquela rapaziada, são, como dizem, convincentes até na mentira. Sei não!”

Toda as vezes que Cândido chegava da cervejada, Sabina o recebia com a dedicação de sempre, mas, à sorrelfa, acrescentava silencioso “hum, hum! Será?”, enchendo a cabeça com aquilo que não era. E a vida remava, serena, os dois na paz de fazer de tudo para o mingau não desandar.

Nos dias das reuniões, após as loiras geladas entremeadas com as arrebitadas doses de cachaça para esquentar, o grupo se desfazia gradualmente, com cada qual tomando bandas diferentes para os encontros marcados. Cândido jamais. Único não dado às fugas, ainda ficava mais um pouquinho. Sozinho, tomava a saideira pensando em Sabina, no sossego que é não precisar das desculpas clássicas ao chegar em casa, nem de utilizar, no dia seguinte, da postiça devoção durante a missa domingueira para alijar perfidias.

Sem desejar ofender o marido, que na verdade nunca dera motivos, ao mesmo tempo que não queria destampatórios, procurava a patroa uma

forma de neutralizar certa cisma que lhe brotava. Não pretendia qualquer cisco sobre felonia que pudesse começar a flertar com sua confiança, criar jeremiadas. Coitada! Uma força oculta mostrava ser mais potente. Não sabia Sabina, com efeito, que tal travada na razão é coisa de quem quer enxergar vento, criando suspicazes para não acatar a rapidez com que o tempo passa, os balões caem, os pés de galinha bicam. Ah! Os prateados cabelos no injusto espelho...

Sabina, com sua beleza, causou suspiros nos tempos de solteira, dos bailes, dos clubes. Mesmo casada, ainda mantinha admirações. Depois de uma prole considerável, achava que nada perdera, não aceitando, portanto, preterições.

Mesmo amolada, a mulher fazia de tudo para não alterar a ternura. Mas a situação de nem fumaça nem fogo fez sobrar para o pobre Cândido, que ficou escanteado debaixo dos cobertores. Paciente, deixava os dias escoarem. Foram passando, passando. E nada!

O anunciado dia da amizade, comemorado naquele inverno em um fim de semana, quase altera o roteiro da nossa narrativa. Mas não. Chegada a hora do beijo matrimonial de todos os sábados, “então até mais tarde”, largado em

sua bochecha pelos beijos do marido, os mesmos que em poucos instantes se tornariam molhados por um copo de puro malte, Sabina, sorridente, fazendo quer não quer, iniciou a desenrolar em dengos o tapete tricotado durante a semana.

— Não vá agorinha, espere só um instante, querido!

— O que foi? — Perguntou ele, surpreendido.

— Tive uma ideia. — E deixou no ar maiores detalhes do plano.

— Como assim?

Ela jogou a rede:

— Você não precisa ir já e já, vamos tomar uma cervejinha por aqui, você chega no bar mais tarde um pouquinho só, não custa nada, né? Não vai se arrepender! — E piscando um olho, ao mesmo tempo que explorava os lábios com a ponta do indicador, arrematou — Que tal?

— Claro! Claro! — Mais que depressa concordou Cândido, empurrado pela escassez que o vinha desalentando.

— Mais pra adiante ligarei para alguns dos amigos, hoje é o dia deles, assuntar por você, vamos ver o que dizem.

— Mas...

— É só uma brincadeira, bobo!

Aquecido, Cândido se deixou escorregar pelo liso da concordância. Entre um brinde e outro, Sabina utilizava de vagas insinuações, trejeitos provocativos, se chegando, se arredando, pospondo o estica-encolhe. Depois de um certo tempo nas propedêuticas... melhor deixar de prá lá, ela, ao lado do marido derreado de expectativas, lançou mão do telefone, discou:

— Oi, Sabina! — Um amigo atendeu.

— Oi, Zé, tudo bem? Gostaria de falar com o Cândido. Ele saiu sem o telefone, como ele está por aí com vocês...

Sem saber dos motivos da demora de Cândido, o que nunca acontecera, precavido, supondo que o amigo em atraso poderia ter escolhido um caminho mais longo antes de se aboletar na mesa, Zé resolveu pôr panos quentes até ver como ficaria a situação. Proferiu:

— Olha, ele estava aqui mesmo, neste exato momento deu uma saidinha, foi até a banca de jornais, é o que entendi, não deve demorar, assim que ele chegar falo para te ligar. — Justificou

Zé. Alguma coisa? Tá tudo bem? — Abreviou a conversa.

— Tudo tranquilo, não é nada sério, daqui a pouco ele chega ou depois eu ligo novamente, tchau — Sabina finalizou a primeira e única chamada.

Ficou desacorçada. Uma coisa lá dentro cutucava, mostrando ter sido motivo de chalaça para com ela mesma. Mais danada ainda quedou quando percebeu que tentou futricar em barreira dura de trincar, que amigo é amigo, errado ou não, um sempre protege o outro. Desistiu de continuar com as ligações. Se recompôs. Não queria mais brincadeira. Nem nada!

Logo que Cândido repetiu o beijo, saindo para se juntar aos amigos, ela amuou. Pensava no fracasso. Isso ficou cutucando. Vezes por vezes circulava em seu julgamento a injusta desconfiança que teve da cara-metade, malignidade sem ter por isto nem aquilo.

Quando da mesa assentada na calçada a turma viu Cândido dobrar a esquina, chegando quase na hora de voltar, foi em pensamentos comunicantes que cada um disse em solilóquio: “hum, hum! Será?”

Em casa, Sabina, compungida, sem as catilnárias que tentou cavoucar, remoía a ciumeira sem serventia, a não ser mostrar o que encontra aquele que procura chifre em cabeça de cavalo, conforme sentença popular.

No bar, Cândido, entusiasmado, repassando as doces palavras para os cochichos do logo mais, pediu a saideira estupidamente orvalhada. Esfregando as mãos, imaginava o que o esperava pelo resto da noite: o par vencendo o ímpar.

Hum, hum! Será?

# ALMA DO VINHO

*Para Mateus Borges Alves*



**D**izem que o vinho aguça a produtividade intelectual, faz bem à saúde do corpo, reduz as taxas indesejáveis no organismo, produz outras que tanto se procura em fármacos. Já li por mais de uma vez. São fatos confirmados cientificamente.

É propagado que o vinho eleva o bom humor, expurga negativos sentidos. No entanto, quem usa do vinho para se inebriar não conhece de apreciar a mais icônica das bebidas, afirmam os experimentados no quesito. Tenho muito que aprender, então? Não sei! Apenas suponho exageradas as tacadas de opiniões, os modos das protocolares cerimoniáticas ao redor do vinho. E só!

Certa feita, encerrado um seminário agrícola que reuniu profissionais das mais diversas regiões do país, saímos, dois participantes e eu, para beber umas, petiscar, relaxar, comentar os trabalhos. Coisas tais. Bom dizer que não os conhecia, fomos apresentados no local onde acontecia o evento.

Quando chegamos ao bar, eu, com uma sede perturbável, sugeri uma cerveja estupidamente gelada, elogiando certa marca para reforçar minha opinião. Recusaram. Agradeceram. Tomariam vinho.

Assim que cada um abriu o cardápio da bebida, a bem dizer, a carta, que mais parecia um livro de edição luxuosa, enorme, capa almofadada, começaram a parlamentar sobre os itens abordando cada tipo de uva, benefícios para a saúde, países emblemáticos na produção das cepas para os tintos, brancos e rosés. Viajaram pelo mundo usando o tal “menu” como passaporte.

Quando finalmente escolheram o exemplar, eu já estava na segunda cerveja. Pensei: “São dois que sabem de vinhos, tudo, enófilos, é isso...”

Chegado o garçom do desfile, o qual equilibrou o pedido em uma bandeja com a garrafa e

duas taças enormes; logo em seguida, à distância solene preconizada, exibiu a botelha inclinada para melhor apresentação e leitura do rótulo; sacou a rolha; mostrou o lado da cortiça que estava em contato com o líquido; serviu um mínimo para que um deles degustasse, etapa de aprovação, ou não, para a continuidade dos serviços.

O escolhido para o veredito elevou a taça à altura dos olhos. Inclinou-a ligeiramente. Quedou observando. Abaixou-a. Fez inclinação maior. Retornou com a bojuda para a posição normal, girou o líquido pelas paredes do recipiente, cheirou, olhou, voltou a cheirar, admirou, admirou mais um tempinho antes de levar o vidro aos lábios. Aspirou mais uma vez, sorveu um tico, permaneceu imóvel com o apurado na boca. Em seguida, discretamente, rolou por lá a bebida, ingeriu, balançou a cabeça afirmativamente.

O garçom, com o braço esquerdo voltado às costas, depois de servir as duas taças, cada uma com muito menos da metade da capacidade, depositou a garrafa devidamente engravatada na mesa, pediu licença, se retirou.

Meus novos companheiros brindaram, apreciaram a primeira dose, emitiram iniciais pareceres:

— Bom! Límpido com halo aquoso, lágrimas rápidas.

— Honesto! Envolvente!

— Um vinho com personalidade! Aroma químico e metálico.

Eu já esvaziara a terceira cerveja. Minha intromissão na conversa era rara, mas sempre respondido ou respondendo com monossílabos gentis. Não fiquei incomodado. Também não entendia do assunto que foi rodando, eu voltando a cabeça ora pra cá ora pra lá, para quem estivesse com a palavra. Saboreava, de minha parte, a quarta cerveja, acho. Falavam demasiado. Eu prestando muita atenção. Silencioso me perguntava, me respondia.

Mais comentários teciam:

— Travor domado.

— Mas não sem conteúdo.

— Algo que passa por couro, terra, cinzas, pedra, tabaco.

Falaram de filmes que abordavam aquele prazer extasiante, dileto. Citaram literaturas sobre o mesmo tema sem esquecer das escrituras sagradas que atravessaram os tempos. E despe-

javam mais adjetivos e substantivos sobre a degustação da hora:

— Delicado, corpo médio. Percebe-se ameixa, amora, cereja, framboesa, floral.

— Vivaz. Especiarias. Pimentão. Alguma fruta vermelha, também preta, em compota. Lenho integrado aportando taninos polidos. Certa complexidade, óbvio!

E foram arrastando mais do que eu não compreendia, algaravia só para os profundos sabedores. Apenas quedei me questionando se cabia tudo aquilo dentro de uma só garrafa.

Os palpites não terminavam:

— Com equilíbrio. Aveludado. Final um pouco prolongado.

— E com elegância sem preponderar o sabor alcoólico. Persistência média.

E vindimaram mais e mais seus cachos de conhecimentos:

— Na taça como se estivéssemos diante de um ginandróforo.

— Um retrogosto não muito anfractuoso. Fleumático, diria.

Citaram os filósofos que elevaram as qualidades do vinho, que enaltecera a participação

do líquido na formação dos homens, na composição da história. E foram enumerando personagens, reproduzindo dizeres, largando pelas trilhas da prosa termos envasados no exterior, notadamente franceses, italianos e espanhóis.

Os comentários cresciam entusiasmados. Bastava um pequeno trago, um novo olhar para a bebida, e reencetavam na measureira:

— O resultado da fermentação expõe o delicado, nubívago, ressumbrante.

— O busílis do conjunto apreciativo está na fulva de sua cor, mais para rubicunda, avermelhado, unha precisa.

“O quê?” Indaguei a mim mesmo. Não encontrei resposta. Também pudera, já estava no sexto tubo de cerveja.

O vasilhame, lá deles, muito lentamente diminuía de volume, mas já homenageavam Baco, Dionísio, a astúcia alcoólica daquela época, o espírito do vinho, a água da vida. Relembrou os melhores que beberam, no bem-dito, que degustaram: a finura, o corpo, o buquê.

Estavam soltos no abordo do conteúdo. Exsudavam contentamento. A conversa entre am-

bos dava voltas pela geografia, história geral, química, agronomia. Piruetava e voltava para as taças.

Aos golinhos, discorriam sobre curiosidades: acasos que transformaram determinados tipos em eternos sucessos no mundo enológico; motivos de algumas produções acontecerem apenas em pequenas regiões, exclusividade de um só país; famílias que adquiriram proeminência global através do vinho.

Cavaquearam por preferências:

— Adoro o aveludado francês, encorpado, pujante.

— Gosto de um fragrante italiano, olente, madeira viva.

Falaram de fatos grandiosos, da importância das videiras e seu mais desejado produto que chegou a provocar batalhas paralelas em grandes guerras, com inimigos buscando a garantia de consumo; uns ocultando; outros procurando. Sabotagens das partes.

De determinada hora para a frente, me deu um branco, pouca coisa consegui registrar, fiquei azoinado. Não sei se realmente foi dito ou se mi-

nha cabeça criou um mosto que levedou palavras como esquinoticosférico, talitânico, ancatemone, entre outras que ficaram estropeando enquanto durou a ressaca, até o dia seguinte.

São acontecidos de pouca guarda, lembrados por um tempo, de quase nada, depois se evaporam, são tragados por outros menos amadurecidos, desinibidos de tonéis.

Gosto das coisas sem barricção. É chegar no bar, pedir uma cerveja para abrir os trabalhos, perguntar ao atendente pelas novidades, virar o primeiro copo goela abaixo para lavar a serpentina, como dizem, esparramar conversas. Dali um tempinho, ninguém é de ferro, de longe chamar a atenção do garçom, apontar o indicador para cima. Para reforçar, posicionar as duas mãos espalmadas paralelamente, na vertical, mimizando para trazer mais uma.

## OS SÓCIOS



**S**ozinho, depois que cada filho foi tocar a própria vida, e a esposa, ajeitando rumo divergente, acusando-o de traições, esquecendo-se das próprias, resolveu dar uma pausa após longa etapa, quase ininterrupta, no trabalho pesado que o fez comerciante bem-sucedido.

Mesmo com vida faustuosa, achou que era oportuno ficar por um certo tempo longe de tudo, um retiro, período bem mais esticado que as espremidas férias que gozara até então, repousar entre as comodidades de um lugar remoto, só ele, sonho antigo.

Para tal, arranjava um sítio distante dos centros urbanos, isolado, como bem imaginava

no sempre adiado plano. O lugar foi escolhido a dedo, localizado em um platô de onde se podia apreciar uma serra ao fundo. Pela varanda frontal, a vista de campos, restos de florestas. Na lateral, pomar diversificado, bem cuidado, tão próximo que quase se podia apanhar frutas sem sair da casa.

Com exceção de um aparelho de som, fez questão, não teria mais nada: nem televisão nem telefone ou qualquer das urdiduras que as aranhas tecnológicas teceram ao seu redor, costumes às ordens dos tempos modernos.

Devagar foi se ajeitando, se adaptando com a nova rotina. Contava, além da música, com livros, discos, parte da coleção de armas. “Uma caçadazinha, mesmo que ilegal, faz mal não”, pensava.

Dos hábitos arraigados da vida urbana, não abriu mão da beberagem dos fins de tarde. Tinha a hora certa para começar. Para encerrar, nem tanto.

Como exercícios físicos, para “não enferrujar”, todas as manhãs praticava caminhada. A trilha coleava em um grande círculo, permitindo sair por um lado da casa e chegar pelo outro, va-

rando cenários diversos desde vegetação rala até grandes árvores que se fechavam em ambiente abafado, úmido.

Partia assim que terminava de tomar o café. Na primeira meia hora de pernada, deparava-se com uma campina de arbóreos salteados que esticava um bom pedaço para encostar em um resto de pastagem, onde a trilha, fazendo uma dobra à direita, deixava pelo lado oposto um terreno com inclinação suave que escorregava até uma tapera, na divisa com a outra porção plana, de inundação, acesso dificultado pela recuperação da ramagem que a cobria por igual.

Era uma construção baixa, simples, em adobe, caiação encardida pelo tempo. Duas janelas e uma porta, exemplares em madeira crua, compunham a fachada principal atrás do que foi um alpendrado acanhado, totalmente destelhado, cujas ruínas insinuavam que um dia fora divisado por uma mureta.

De um lado, pequena área de cultivo praguejada, desmazelada de qualquer trato. Do outro, um cercado decadente, cai-não-cai, que poderia ter sido um chiqueiro, galinheiro ou de serventia similar.

Durante os primeiros dias, ao bater com a vista naquela casinha rude, observava detalhes que o levavam a concluir que se tratava de imóvel abandonado, causando-lhe uma impressão esquisita, atmosfera pesada a desconvidar qualquer um que tentasse aproximação.

Acostumou-se com o cenário. Chegava a passar praticamente sem perceber a construção, até que, certo dia, notou uma das janelas aberta. Pronto! Tal fato despertou curiosidade, um alvo para especulações diárias, já que era o único provável vizinho em um raio de metragem comprida.

Os regozijos pela preguiça programada corriam normalmente, mas na hora da caminhada pinicava alguma ansiedade, pois cada vez que avistava a casa, observava uma das janelas ou a porta aberta, alternadamente. No entanto, não conseguia registrar movimento que pudesse denunciar, de forma cabal, morador ou moradores.

Foi numa manhã de muito sol que percebeu, através da porta um pouco mais escancarada que das vezes anteriores, uma sombra negra sobre o fundo um pouco menos escuro; uma silhueta. Com mais reparação notou, nas caminhadas seguintes, que logo que dobrava a curva

que permitia apontar com os olhos para a casa, uma peça descerrava, como se tal procedimento fosse dirigido a ele, na observação de seus passos; concluiu assim o recado, notando que se tratava de uma pessoa corpulenta, agigantada pela altura e volume.

Para Davi, esse era o seu nome, alcunhado pelo marido da irmã mais velha como Valente, as semanas escorriam dentro do programado, melhor, como se fosse uma combinação perfeita para cumprir tudo o que sonhara.

Transcorrido mais de mês, feliz com a bonança em que tudo escoava, sensação comparada somente quando relaxava depois das ambições de negócios concretizados, decidiu comemorar. Naquele início de noite, as doses ao entardecer avançaram pela madrugada.

Refugando mais tragos, se jogou na cama. Segundos depois, ouviu sons estranhos dentro de casa. Quis reconhecer como passos apressados que diminuía de volume e voltavam, como se alguém estivesse correndo de um cômodo para outro. Silenciaram. Dormiu. Ao acordar, depois que o meio-dia dobrara, lembrou do episódio

na madrugada, acusou o álcool dizendo consigo mesmo “êta, cachaça brava”.

Nas noites seguintes, os passos retornavam assim que se deitava. Na desarrumação do sono, passou a escutar, adicionados às passadas, sons que não conseguia entender, desnaturados aos seus sentidos. Vinham, em sequência, barulhos como reviramento de utensílios na cozinha, móveis arrastados, baques fortes de outros objetos.

Quando a barra do dia dava sinais no horizonte, saía do leito, percebia que tudo se encontrava no lugar, nenhum sinal que levantasse suspeita. E o teatro não parava. Com ele, a dor da insônia.

Resolveu enfrentar. Deixou todas as luzes acesas. Quando reiniciasse a perturbação, passaria a mão em um revólver, seriam os fatos, que fossem como o demônio quisesse.

Os incômodos não vieram na hora de costume. Davi esperou um bom tempo. E nada. Abriu um sorriso, sentiu-se vitorioso. Não por muito tempo. As vibrações se reaperentaram fortalecidas, mais nervudas que antes. Ele desistiu, apagou a luz do quarto, cobriu a cabeça com o

cobertor, “que o Rei do universo me proteja”, despencou em orações.

Desesperado, Valente resolveu abandonar a peleja. Pouco depois do amanhecer, as malas já estavam no carro, hora do alívio, da partida. Qual nada! Com o tempo sem acionamento, a bateria não apresentou vida, as luzinhas do painel dormiram de vez.

Lembrou do vizinho. Mesmo estranho, poderia ser um alento. Saiu para uma visita. Viu o momento em que a janela se abriu. Caminhou sem tirar os olhos do vulto. Ao chegar mais perto, a folha foi se fechando aos poucos, como se quem estava lá dentro não quisesse dar as caras. À distância, soltou um bom dia desafinado. Ouviu apenas um balbucio. Ainda assim, forçou entendimento como resposta de aceitação.

Precisando desabafar, contou em voz embargada o que se passava. A conversa foi miúda vinda do interior, mas Davi saiu aliviado.

Pensando bem durante o caminho de volta, concluiu que falou muito, apenas ele. Não soube decifrar se ouviu algum tipo de rosnado misturado a zunidos curtos, fracos suspiros em forma de grunhidos. Tudo muito confuso em sua cabeça.

A partir daquele dia, os barulhos foram diminuindo. As visitas ao vizinho, sempre nos mesmos moldes, continuaram até a data em que os sons desapareceram de vez, a tensão arrefeceu, a paz retornou com Davi achando graça, rememorando, guardando detalhes para, quando voltasse para a cidade, contar aos amigos a corajosa história.

Certa tardinha, soara a sineta do portão, coisa que ele nem dera por existência. Davi estranhou. Quase que sem pausa, foi acionada novamente, “o vizinho, com certeza”, arrematou. Ao abrir a porta principal da casa, não avistou ninguém. “Demorei para atender, só pode”. No dia seguinte, na mesma hora, o pequeno sino de ferro. Ninguém. As chamadas não falhavam, dia após dia: nenhuma viva alma se apresentava.

O emaranhado foi minguando a paciência. Na casinha da trilha o abandono de antes, o suposto morador desaparecera. Valente roído, carcomido na sofreguidão.

Pelo lado de fora, as chamadas cessaram. Pelo lado de dentro, as barulheiras das madrugadas retornaram. Pararam. Voltaram as da sineta lá fora. Alternância de dar em doido.

Bufava. Esperando com uma escopeta na mão, quando na portada do jardim o ruído estridente alardeou, Davi imediatamente saiu gritando “embusteiro miserável, eu mato, eu mato!” E fez a arma caçadeira vomitar labaredas pelos dois canos curtos. O corpanzil, mutilado da cabeça, impulsionado para trás, braços abertos, tombou no meio do raleado de arbustos silvestres.

Davi nem quis reparar. Atordoado, correu para a casa, se trancou no quarto. Num relampejo de ideia, resolveu dar sumiço no defunto, arrastá-lo para longe. Era preciso. Quando lá chegou, nada encontrou. Quedou procurando explicações.

Voltou a se trancar no quarto. Em pé, encostado no ângulo da parede, puxando os cabelos, foi largando o corpo pela alvenaria até se agachar. Levou a mão ao peito, fechou nos dedos a estrela que pendurava em um trancelim de ouro, presente de sua mãe que dizia ser o símbolo da coragem.

Não soube por quanto tempo ficou naquela posição. A madrugada fez breu. Amedrontado, não soube de onde conseguiu o tiquinho de audácia para sair. Não tinha como adiar. Com um tra-

buco empunhado, em cada cômodo que passava acionava o interruptor, queria luz, um menorá qualquer. Ao chegar à sala, ficou estarecido. Encostado no portal, um vulto, lembrando a sombra da casinha, começou a levantar lentamente a cabeça até encará-lo com olhar de agulhas. No início, a figura de Azrael. Os traços fisionômicos foram se transformando até chegar ao rosto de seu grande companheiro no passado: Golias.

O corpo irregular do anjo do passamento continuou se metamorfoseando até a mostra de uma figura esguia portando um terno claro, preferência do antigo comparte, sem gravata, camisa desabotoada no colarinho. O alinhamento completou-se com sapatos esporte, para dar informalidade ao garbo, como dizia.

Quando Golias repuxou um canto da boca, maneira que tinha de demonstrar satisfação, Davi principiou a desfiar o novelo de lembranças: quando se conheceram, como resolveram compor a sociedade comercial, o esplendor do empreendimento, duração, como tudo acabara quando o sócio, para evitar a humilhação da falência, sendo ele o inovador responsável pelos avanços de

todo o negócio quando o assunto era divulgação, não aceitando a derrocada, suicidou-se.

Depois do desgraçado episódio, Davi fez de tudo para não remoer, criar um branco total como se momentos pudessem ser colocados em arquivo, trancados em cofre robusto do sumiço que a memória não pudesse mais reaver. Mas, naquele instante, tal esforço de nada valeu, foi tomado de assalto pelo passado, os fatos desfilavam em sua mente, um montado no outro, coisas de nem querer saber de quantos anos.

Chacoalhou a cabeça querendo rebolar fora tais intrometidas imagens que julgava derretidas pelo tempo. Não deu. Mais lembranças, perfeitas: o velório onde lamentava o desastre, repetindo a todos o quanto eram amigos; o pranto entre os que rodeavam o caixão; o azedume do cheiro de flores misturado ao de velas queimando.

Na antessala, apinhada de parentes e amigos lutuosos, Davi participava das conversas. Largava no ouvido das pessoas palavras para soarem verdadeiras; deixava rolar lágrimas, ser sincero; especulava aqui e ali dizendo desconhecer, colocando no ar, o mistério sobre quem é que

poderia saber dos motivos de tudo aquilo. Queria, na verdade, pescar suposições, insinuações.

Chorou muito durante os préstitos fúnebres, enquanto, no exterior, as contas recheadas sorriam, fruto dos desvios que jogaram o balanço financeiro da empresa no lixo, rapando, só para ele, a fortuna que era de dois.

Davi se curvou ao desejo de vingança do ex-sócio. Não se sentiu machucado por sentimento de arrependimento, mas percebeu o fracasso de sua mente, por quase uma vida, na tentativa de driblar a verdade.

Tinindo em aprendizado, releu coisa de sabedoria popular: quem trai, esquece; o traído, jamais. “Golias venceu”, foi seu derradeiro pensamento. Sem ter onde arrimar a alma, olheirento, corpo abatido querendo o chão, levou o revólver à têmpera direita. Sentiu o cano gelado. Apertou os olhos.

AUTOCONTROLE



No primeiro mês do inverno, ano de 2020, duas décadas após o mundo não ter acabado na virada do século, como acreditavam piamente os desorbitados, não loucos, desorbitados, o país começaria a assistir, em função de uma única enfermidade, mais mortes que a soma dada por muitas guerras.

Nessa mesma época, da forma que acontecia a cada par de anos, um jovem profissional estudioso, pesquisador do comportamento humano, mais uma vez se retirava para a casa de campo da família, denominada Esconderijo, batismo em função do isolamento, da distância até o município mais próximo, da dificuldade de acesso

através de estradas precárias, acidentadas, com nuvens de poeira no estio, atoleiros nas águas.

Mas toda a pena era paga quando lá se chegava, cercania de visual extraordinário composto com mata salpicada de cores que dava a quebrar, não muito longe, em denso coqueiral. Daí a praia de areia fina, alvura sem igual, lavada pelas ondas de um mar azul de doer os olhos.

O Esconderijo era uma construção de bom tamanho, dando a impressão de se amiar pelos altos muros que a rodeavam. No seu interior o conforto, requinte planejado, carência apenas dos inalcançados meios de comunicação, sobrestados forçosamente pelas condições remotas do lugar que aguardava, das ondas da modernice, o rompimento das barreiras impeditivas.

A região era de uma vizinhança rala. As moradias, salteadas em lonjura considerável, dificilmente abrigavam seus donos fora do período de férias, restando qualquer movimentação por conta de caseiros com presenças esporádicas para vigiar, manter jardins, pomares.

Dentro desse apanhado, quando Simon, de alcunha familiar, resolvia fazer caminhada para apreciar o mar, raramente esbarrava com al-

guém. Quando acontecia, não fazia questão de saudações. Por outro lado, acostumaram-se os nativos com a indiferença do estudioso, não faziam conta de seu modo alcandorado, rígido.

Para a sua passagem durante os dias ali instalado o zeloso doutor preparava comidas rápidas, se encarregava da limpeza superficial da casa, atividades que ajudavam, segundo ele, a arrefecer a mente das formigantes diligências intelectuais.

O afastamento programado tinha como objetivo, além do reparo do cansaço imposto pela correria entre hospitais e consultórios, a leitura, o aprimoramento técnico.

Quando sentava na busca dos alicerces para suas teorias, concentrava-se de tal forma que tudo passava a ser indiferente, o mundo não existia fora das páginas dos livros, dos compêndios encarrilhadores, dos meios de que lançava mão para atingir suas metas.

No derradeiro recesso, Simonides de Cóati, tal o seu nome completo, filho de pais não menos estudiosos, um da terra do samba e outro chegado do estrangeiro, daria prosseguimento ao ensaio sobre autocontrole, abordando atitudes

adequadas diante de situações inusitadas, assunto que no breve faria capa de mais um livro de sua autoria na linha de especialização que o tornara autoridade no assunto: a capacidade de se controlar; o domínio dos próprios impulsos, emoções, paixões; superintender a si mesmo.

O conceito foi abocanhado pelo aplicado profissional para proporcionar ao grande número de pacientes o alívio de indistintas dores, no fundo, de acordo com seus parágrafos, provocadas por não se ter em mãos as rédeas para as ações que podem culminar em uma permanência mais tranquila, incluindo relacionamento, saúde e finanças.

Fazia parte de seus introitos a assertiva de que grandes acidentes, catástrofes, pandemias, possuem a capacidade de fazer emergir comoções, e, delas, sentimentos altruístas que normalmente duram pouco, não permitindo um zelo maior, o que poderia ser diferente se aprimorado o autocontrole para impedir esmorecimentos. Dava como exemplo o mundo das ruas, seus moradores, uma calamidade posta de lado ao se tornar costumeira, esquecida de ternura, apenas escorrendo para os registros frios da história.

Durante esses mergulhos nos livros nunca via o tempo passar, até que, e somente semanas depois, conforme o combinado, a esposa aparecia para buscá-lo, o que ela chamava de “voltar à vida normal”.

Entre seus hábitos nas primeiras horas do dia, durante o desjejum, estavam os minutos displicentes envolvidos com o rádio, era o que tinha de notícia, comentário, música. Logo em seguida, a retomada da empreitada estudiosa.

Certa manhã, ouviu o locutor falar de um mal contagioso, descoberto no outro lado do globo, se alastrando rapidamente por todos os continentes.

Simonides, considerando o lugar em que se encontrava como uma fortaleza sem igual com relação à segurança para não se contaminar, e também que o restante dos dias no sítio seria prazo suficiente para a solução do caso lá fora, permaneceu sem estreitar muita bola com o assunto.

Quando deu por fé, as resenhas jorravam centenas de casos, inúmeras mortes, incluindo a região de sua cidade. O assunto passou a tirar Simon pouco a pouco dos afazeres, obrigando-o

a buscar informações em noticiários diferentes, girando o dial à procura de detalhes em estações diversas, onde programas abordavam a severidade, a efetivação de um isolamento social com barreiras ao tráfego de veículos, a proibição do deslocamento de pessoas entre municípios. Era o seu caso: ilhado, apartado do resto de tudo.

Sem ter a quem nem como recorrer, aguardar foi o recurso. O autocontrole o abonaria na continuidade de suas atividades, em forma livre do ofício inquietante de contar dias, horas, por consequente: A teoria sorrindo para a prática.

No dia combinado, a esposa não apareceu. Nem no seguinte. Nem no outro mês. Rezando na própria cartilha, Simonides assentou na ideia de que controles deveriam ser aplicados dentro de suas conjeturas. “Vai dar tudo certo”, mas começou a não dar quando foi surpreendido, por ele mesmo, passando mais de hora olhando, sem piscar, para a curva do morro de onde despontavam os carros para a descida até o portão de sua casa.

O tempo dos estudos foi diminuindo. A preocupação com uma solução aumentando. Quedava a manhã toda pulando de uma emissora para outra, o assunto no mesmo: o crescente número de doentes, de óbitos.

Sua inquietude deu carona à insônia, à inapetência. E o rádio sintonizado. O botão “desliga” não era mais acionado. Qualquer comercial interrompendo reportagens começava a dar nos nervos. As pilhas descarregaram. Ao estourar na parede, o aparelho distribuiu peças por todos os lados, fazendo barulho como o de água rolando numa cascata. Não conseguia mais olhar para os livros sem expedir blasfêmias. Enfastiou. Rascunhos apurados em muitas horas de faina foram espinicados. Igualmente a razão, a paciência. Se sentiu emboscado, cercado de ninguém. A paz que sempre encontrara nessas ocasiões se transformou em silêncio trágico.

Quando a tarde caía o espírito ondeava, as pernas perdiam a necessidade dos passos. Prostrava. Na cadeira que largava o corpo, não sabia do tempo, do dia, da noite. Arregalava os olhos na escuridão. Perdera a coragem física. A aurora e o ocaso passeavam de mãos dadas à sua frente. As ponderações davam lugar ao que não devia, buscava se apaziguar, conversava para dentro, tanto em voz alta como em cochichos, “calma”, e não se acalmava.

Tentava se animar. Caminhava de um canto para outro, um percurso de rondar angústia, imitando, talvez, alguma fera que vira na infância, trancada em jaula. Encostava à janela, olhava por olhar. Quando cansava, jogava o corpo no sofá ou cadeira, ou mesmo no chão. Permanecia com a mirada fixa, perdida, matraqueava sozinho, cuspinhava xingamentos. Daí a pouco, de repelão, se levantava, punha-se a caminhar sem pra lá nem pra cá, um filhote caído do ninho.

Entediado com a própria conversa, permanecia mudo horas e mais horas. Sem notícias da família, não existiam páginas para desviar seu pensamento do desejo sem par de retornar para a civilização, sair daquela penitenciária. Traços da obsessão não mais deixaram sua feição. A melancolia tomou conta. O tempo desconcertava com o relógio, as madrugadas se esticavam engolindo o que era amanhecer.

Certa tardinha, saindo pelo portão, ao reparar mais uma vez na curva da estrada, num trisco sentiu alívio. Pelo meio do caminho alcançou com a vista um vulto que tendia na direção da casa. Engrandeceu esperança. Agradeceu ao Criador. Evocou o nome de Seu Santo Filho, o

que não fazia desde que despertou em desfavor do criacionismo. Por um instante, estranhou a própria reação. Continuou no pensamento “lá vem vindo gente!” Apressado, saiu caminhando na direção de quem se aproximava. Logo um tremor percorreu seu corpo inteiro, o alguém desapareceu assim que Simon tendeu a esticar os passos para desabalar, abraçar, festejar; nada mais era que o galho espichado de uma pequena árvore destacada do campo, à beira do caminho, que o vento resolveu balançar, fazer sombra em movimento pequeno, lento, andejo sem sair do lugar. Desolado, praguejou.

O enfado colocou uma lona sobre as vontades. Deitado na rede, olhava as plantas que perderam a graça. Os adornos, peças artesanais, obras de arte e bugigangas que sempre soube apreciar, lembranças de tantas viagens mundo afora, causavam-lhe aborrecimento. Tudo redundava em ojeriza.

Desvairava-se ao questionar como a vida pode mudar tanto de um instante para outro, do paraíso ao ergástulo. No íntimo, amargou na conclusão pela falta de sentido em todas as coisas. O medo e a aflição promoviam farândola em sua in-

teligência. Maçada. Esbravejava com o vazio. Palavras saíam da cabeça, do coração, se debatiam em gritos que entalavam na garganta, asfixiando a razão, a emoção.

Uma força desconhecida o colocava no limiar de suas concepções, faltava pouco para ultrapassar, cair em um sistema desajustado de condutas que ele mesmo depreciava: A prática rindo da teoria.

Simonides foi resgatado quando a pandemia deu trégua. Estava dominado por um esquisito descontrole, gestos destrambelhados. Uma transformação fisionômica espetacular: dessangrado, grenhudo, olhos esgazeados. As roupas em farrapos. Ele em cangalhas.

Com o tino à cata de nada, abúlico, nunca mais teve juízo, nem para entender que a mulher e filhos fizeram parte da negra estatística que a doença deixou como pegadas.

NONOCA DO CAPÃO



**D**a meninice no mato, trago reminiscências como sementes latentes. Cultivando-as, revejo em suas germinações inesquecíveis momentos, sonhos que ainda vivem por lá.

Não passava por minha cabeça ficar longe da fazenda onde morava com meus pais e irmãs. Os estudos significavam um mundo diferente. Contra eles, relutava. Dolorosa obrigação de estudar. Para quê? Me perguntava para não concordar com os conselhos que recebia.

Dia triste em que parti. Percebia que estava largando a infância para o passado tomar conta. Encostado na parede, quase chorando, o que fiz durante o caminho para ninguém presenciar,

olhava para as malas depositadas na escadaria da saída principal, cada uma arranjada com carinho por minha mãe. Afagos do pai na cabeça, revirando meu cabelo, querendo retirar meu desalento com as mãos, de nada resolvia.

Saí. Poucas vezes voltei. Os velhos, fugindo da solidão que se aproximava quando os outros filhos ramificavam também pela necessidade de escola, venderam o rancho e se aboletaram na cidade. Vida de tentar adquirir o que tinham com fartura no campo.

Daquela data em diante, tudo virou adaptação. As formas livres do improviso ficaram nas calças curtas: o curral, fazer nada achando que ajudava só por levantar cedinho para tomar leite quente ao pé da vaca; os tachos, raspar com os dentes a sobra nos sabugos quando a mãe ralava o milho para fazer pamonhas.

E a memória traz o enrabichamento com muitos episódios. Lembro-me quando apareceram por lá os primeiros automóveis, capota de lona, pneus finos. Os que neles chegavam eram geralmente os doutores da política ou assuntadores pelas plantações, pelas criações, tudo gente diferente da qualidade com que estávamos acos-

tumados em nosso meio. Quando partiam, atrás do carro desabalava a criançada seguida pela cachorrada, risadas misturadas a latidos, acenos de despedida.

A cozinha era a parte mais movimentada da casa. A moringa rotunda cheia d'água fresquinha, o café quente no bule ao lado da chapa, as quitandas, a cesta de ovos encostada na parede, apoiada no rabo do fogão a lenha.

Nossa saudosa fazenda Capricho, cerradão cheio de frutas, abundância em aguadas, puras riquezas sem igual. Precisa ver!

Naquela época, meu pensamento de ser adulto, realizar profissão, era me tornar candeeiro. Achava bonita demais a cantilena das rodas de um carro de boi passando pelo trilheiro, à montante da divisa. Quanto mais junta de animal, mais chique. À noite, antes de pegar no sono, repassava meus planos, imaginava o tamanho das cargas, os fueiros, a esteira de bambu. Escolhia até nomes para os bois: Cara-preta, Soberano, Fubá, Barroso. Todos batizados com nomes que tirava das músicas que escutava no rádio.

Uma vara de bambu, pouca linha e um anzol formavam minha tralha para fisgar piabas

no córrego, material guardado atrás da porta do meu quarto, encostada na parede, que era para ninguém mexer.

Hoje recordei de um ido interessante quando me deparei, em uma feira, com um tamborete antigo, tampão em couro cru, igualzinho aos que ficavam distribuídos pela área externa do casarão.

Ao entardecer, recolhido o gado, empoleiradas as galinhas, nossa família e trabalhadores descansavam na varanda para apreciar o lusco-fusco metamorfoseando em noite, ouvir a passarada procurando pouso para dormir, cantoria mateira de fazer arrepiar a alma de tanta lindeza. Me lembro dos pássaros-pretos, jaós, sanhaços das mais variadas cores, maritacas algazarreiras, inhambus, rolinhas, sabiás. Era como um ritual de adeus ao sol, desejando-lhe boa noite, bom descanso, até amanhã. Quando a escuridão se esparramava mais, até o piar das corujas tinha graça.

Naquelas tardes, diferença fazia quando Nonoca do Capão aparecia para uma visitinha rápida, como ele dizia ao chegar, mas duradoura, como queríamos que fosse quando se despedia.

Ninguém se importava com a obrigação de levantar cedo para a jornada seguinte, tudo era recompensado com suas prosas, causos que só ele sabia desfiar prendendo a atenção de todos, gesticulando de tal forma que parecia acontecerem os fatos bem à nossa frente.

Antes de começar seus casos, elaborava um cigarro de palha grosso, fumo mal picado, mal enrolado. Acendia, chupava a primeira fumaça, fingia uma tosse, dava mais umas baforadas para estabilizar o fogo. Então, começava em um sempre tal de “pois é, a vida tem cada coisa. Né, não?”

Dali para a frente era só atenção nos casos, embocando um atrás do outro. Das primeiras vezes, eu demorava a dormir quando ia para a cama, com medo. Depois, aqueles relatos passaram a ser acalanto, vinha o sono macio.

Nem os adultos gostavam de perder palavras. Na hora de servir uma cachacinha, um cafezinho, pediam um instantinho só, não queriam saltar nenhum pedaço do capítulo.

As histórias começavam lerdas, passavam por assombrações em noites escuras de chuvisco, que se apresentavam ao lado de uma portei-

ra velha rangendo sem vento. Aquela coisa, não sabe?

Contava muito sobre onças-pintadas, fartas marruás, irosas, que algum distraído topava, de súbito, em plena luz do dia, no meio de algum caminho estreito, sem que as feras tenham aprontado qualquer barulho antes, como se tivessem, manhosamente, descido do céu. O tamanho? Ora! Eram, invariavelmente, de porte que ninguém nunca viu, maiores que um bezerro, menores que um boi graúdo de exposição. Ops! Mas um pouquinho só, viu?

Gostava também de esmiuçar as danadas fantasmagorias citando conhecidos seus de longes rincões que viram almas de diferentes mundos. Alguns, mais destemidos, até chegaram a conversar com os visitantes, que sempre tinham o visual tremelicando de quem quer evaporar.

Nonoca esbugalhava os olhos, parava as mãos espalmadas para provocar suspense, pito já apagado entre os dedos médio e indicador, continuava contando sobre fantasmas, afirmando que, em outros casos, medrosos enchouraçavam o cabelo perdendo o sentido por dias seguidos, retornando só com muito trabalho do pessoal da

igreja e, por trás dos panos, dos benzedores, dos batedores de ramos.

Nesse assunto, relatava sobre muitos, normalmente caboclos chegados a pompear coragem, que, ao saírem em desembestada carreira mato afora, colocavam a culpa em espíritos ou monstros impossíveis de enfrentar, mas, na verdade, o capeta desaforado nada mais era que um galho riçado pelo vento que fazia mexer uma sombra qualquer; ou um simples teiú agitando barulho nas folhas secas ao fugir do intruso em seu sossego de esquentar ao sol.

A origem de Nonoca, ninguém sabia ao certo. O nome completo de batismo, tampouco. Apareceu apartado de mulher, de filhos. Conquistou a confiança dos arredios sertanejos, firmou amizades, passou a ser conhecido, estimado pelas corrutelas do distrito. A segunda alcunha fazia referência à localidade, Capão da Erva, onde se instalou puxando na lateral da moradia uma venda acanhada na beira de estrada cascalhenta, na orla da matinha.

Bem no início, disponibilizava aos nativos apenas o que não constava de suas colheitas roceiras: enlatados, embutidos, macarrão, bola-

chas, querosene, fumo de rolo, além do ponto formador das rodas de peonada para os bate-papos nos fins de tarde.

Com a falta de concorrência, não foi difícil agrandar na mercancia. Logo, logo, estava ele esticando a casa, ampliando as instalações comerciais com vistosas três portas perfiladas, um avarandado para esparramar mercadorias, balcão alongado, mesas distribuídas, prateleiras sortidas suportando artigos de vestimenta para homens e mulheres, chapéus, ferramentas, até brinquedos.

O comerciante não criou pose com isso. Continuou o mesmo. O vistoso casarão passou a contar com mangueiras, outros pés de pau que serviam de sombra para um estacionamento em terra socada, chamativo para uma paradinha aos clientes viajeiros, tempo de sacudir cansaço. Para esses, a venda tinha o que na cidade era mais difícil de encontrar: pinga da boa, queijo de Patrocínio, ovos caipiras, açafrão amarelinho, doces caseiros e, se o freguês tivesse prazo um pouco mais delongado, poderia levar um leitão em bandas, sapecado na hora.

Nonoca era magricela, rosto afilado, queixo avantajado salientando o cavanhaque raleado,

empurrando para o fundo o bigodinho fino, desconcertado, sobre o risco do lábio superior.

Gostava de um gracejo. Ria com facilidade durante as narrativas, mas se fechava quando falava dos casos de um valente que viveu para os lados do seu quinhão natal. Era seu modo casmurro adquirido para dispensar qualquer dúvida sobre as aventuras de tal sujeito, evitar deboches. Para carimbar a veracidade de suas palavras, repetia, no desenrolar dos acontecidos, que não apreciava conversa asneirenta sobre aquele tema.

Como derradeira narração da noite, entrava nas façanhas de um povo conhecido seu. Dele mesmo não. Era retirado de astúcias, como dizia. Entoando as histórias de lá, chegava finalmente ao assunto do mais próximo dos amigos em certo tempo de sua vida, cujas aventuras eram as mais ricas em pormenores. Apelidado de Gatilho, o tal camarada carregava no lombo a criação arrojada de não levar desaforo para casa. Que não brincassem com ele! Pois, coisiquinha de nada, poderia virar morte sem proveito.

Relatava ainda Nonoca que rixento que nem o antigo companheiro, difícil de encontrar outro.

Para se sentir provocado, bastava seu juízo encalacrar qualquer piscado como olhar enviesado. Briga de pescoções era fácil. Qualquer três ou quatro pela frente, Gatilho estava topando enfrentamento.

Nonoca dizia que seu chegada teve um fim, mas nunca narrou quando, onde e como. Questionado, mudava o rumo da conversa e reafirmava que o espevitado caboclinho era atravessado mesmo, de esvaziar pagodeira quando queria rilhar.

O protagonista maior de seus enredos gostava de igreja, missa não. Quando lá aparecia, escolhia a Casa vazia. Respeitoso, entrava desprovido dos metais de provocação, carregava o chapéu ao peito, sentava bem em frente a Nossa Senhora, sua mãezinha, como chamava a padroeira, fixava os olhos na imagem não dando atenção a mais nada que por ali existisse. Balançava os beiços tremendo alguma oração. Saía mais curvado do que entrara, vagaroso, parecendo carregar o fardo de algum sermão recebido depois das preces. De agradecimento? Pedidos?

Das histórias de Gatilho, a última aprontada foi ter disparado, em sua própria casa, con-

tra um sujeito aparentado, quando retornara de uma viagem de tropeiros em data antecipada, já desconfiado do parente com tanta visitação sem precisão, dizendo que era para ver a família. “Conversa fiada, tava era de arrodiação, ah, se não!”

Disseram-lhe depois que o agredido passara na confiança, apenas para matar a sede. Refugava Gatilho a má explicação: “Ora, lereia essa! Sede de quê? Então para beber água tem que tirar vestimentas? Isso, não...”

Desde os tiros, o audaz amigo desapareceu, saiu apressado sem saber se teve tombo de morte. Nunca mais voltou a pisar naquela cidadezinha. Com isso, o assunto afrouxou, o tempo encobriu o fato, fazendo-o cair no esquecimento. Enfatizava que o sucedido desenrolou na época em que se fazia justiça com as próprias mãos, questão de honra. “Hoje não, tá tudo tresmudado”, acrescentava o narrador.

Com relação à mulher, o atirador declarava que ela escapulira ao ouvir os pipocos. “Foi assim que foi”, arrematava essa parte do caso na certeza da sentença. “Outros já dizem por lá”, continuava Nonoca, “que Gatilho perdeu a mira na

cegueira do coração, ela era seu gosto de paixão”, palavras suas para traduzir um bem querer gigante, conforme gostava de esparramar antes do acontecido. “Disso não se sabe ao certo”, desfechava, curto e grosso, a segunda pressuposição.

Na hora de ir embora, nosso contador de casos reavivava a brasa do pito para ganhar caminhada soltando fumaça, finalizando com “pois é isso, então tá bão, boa noite!”

Sempre achei o Nonoca parecido com o tal do Gatilho. Os detalhes de um, nas minhas elucubrações, encaixavam nos gestos do outro. Imaginava Gatilho contando suas próprias histórias na voz, nos meneios de Nonoca. Enxergava também o vendeiro do Capão nervoso no desafio, esbravejando insultos, seu corpo mirrado ganhando volume com a arma na mão, indicador flexionando nos disparos.

Suas histórias sobre o amigo, repetidas muitas vezes, não desviavam de rumo nem detalhes. Nonoca e Gatilho. Tipos do sertão, histórias entre porteiras que dificilmente pegam estrada rumo à cidade.

Hoje, diploma na mão, da fazenda trago alegres recordações. Dos velhos pais, imensa sau-

dade. Tudo grudado na alma, dentro da sementinha que a gente guarda para fazer brotar em algum futuro. Quero acreditar sempre nisso.



# A APELAÇÃO



**T**odos falavam dela com muito respeito. Fisionomia serena, alma boa, contadora de histórias, conhecida pela marcante presteza, pelo trabalho firme e duro na produção das mais diversas quitandas, todas famosas, disputadas.

Sem tempo para nada, a viúva pelejava o dia inteiro escaldando, sovando suas massas para dar conta das encomendas. Bondosa, tinha um, só, porém: Quando pisavam em seu calo, sai de baixo, era certo o caldo entornar, seja lá para o lado de quem quer que fosse.

Dona Cassandra vivia com o filho único, mimado, a quem fazia todas as vontades. Sua preciosidade era conhecida na cidade como Nulinho,

um mocetão sacudido de bonito, fala fácil, manso no gingado, frases decoradas que cativavam os menos avisados.

O encanto da mãe com a cria deixava passar despercebido que ficara para trás, há muito, o tempo de Nulinho tomar uma atitude honrosa, no batente, para descartar oportunidades dadas aos que gostam de comentar o que é dos outros, de deitar falação de deboche, mesmo em sua presença, além, claro, de aliviar o peso no lombo cansado da genitora.

Mas o tal rapaz não queria outra vida. Não via necessidade alguma de acrescentar qualquer algo ao feliz conjunto das farras, bebidas e namoros. Aliás, entre as mulheres, fazia sucesso danado com sua escorregadia gabolice.

Para a mãe, o trabalho em demasia embargara definitivamente qualquer tempo pelos logradouros públicos no intuito de participar dos burburinhos, das movimentações especulativas. Mas, ainda assim, sabia de tudo, muitas vezes superando aqueles que participavam ao vivo dos fatos. É que, muito querida, a rotatividade das visitas em sua casa para um bate-papo, um cafezinho, pão de queijo, biscoito de polvilho, do aze-

do ou do doce, acabava por deixar, sobre a mesa da cozinha, detalhes que ela ajuntava na receita, temperava, coava em forma mais apurada.

Nesse batido, não estava ela presente entre os curiosos que em um fim de tarde rondavam a praça principal para assuntar as voltas que figuras ilustres faziam como se fosse um simples passeio, ao acaso, mas, no fundo, tratando-se de um desfile proposital, caminhada de cunho político para mostrar à cidade seu primeiro juiz, anseio antigo da população para elevar o torrão natal à categoria de comarca.

Ao lado do prefeito e do recém-chegado, autoridades, sem chapéu ou com chapéu, de todo tipo e modelo, percorriam o quadrado do paço por vezes seguidas, como se não quisessem nada além de tomar bons ares; já foi dito. Para poucos, apresentações reverenciadas; para uns, ligeiros acenos; para tantos, nada disso.

O magistrado foi bem acolhido pela comunidade. Socialmente, devagarinho, ia se destacando. Granjeou muitos conhecidos, considerações. Amigos, mesmo, não! Sua posição profissional, para o povo acanhado do lugar, formava barreira para relacionamentos mais próximos.

As reuniões da alta sociedade contavam sempre com a presença do ilustre. Seus modos diferentes de abordar uma pessoa, de entrar em uma conversa, faziam destaque pela polidez. Impressionava. Com os flertes, mais por ser um bom partido do que por arrancar suspiros.

Contava com a idade já mirando a descida da curva. Mesmo na informalidade, ao contrário de roupas esporte elegantes, bem cortadas, não fugia de um terno escuro, alinhado nos ombros, porém com os lados dos bolsos sem abotoar, empurrados que eram pela barriga já em processo de saliente inflação. As calças, como não devem ser, tanto na largura quanto no comprimento.

Solteirão, Honório não enxergava possibilidade de alguma pretendente aportar em seu cais. Olhando do alto de sua baixa estatura, não enxergava candidatas à sua altura. Divorciado da necessidade de uma cara-metade em definitivo, participava dos eventos de descontração, sempre apartado. Seu prazer nessas ocasiões era distribuir bem as palavras de sabença que se avizinhavam, conforme o andar da carruagem, ou das doses, aos discursos eruditos.

De pouco em pouco, foi comendo o angu pela beirada. Tornou-se autoridade soberana colocando mandação em todos: prefeito, vereança e até no padre. Com os dois remos, condena-inocenta, deslizava na calma da superioridade enxaguada.

Mas um rio, como dizia um certo curador, por mais repousado que seja, um dia debaterá com cachoeiras até encontrar o mar. Com o jurista não foi diferente. Conheceu os olhos verdes da cor de água marinha quando lambe, despreocupadamente, alguma ilha no meio do oceano.

De família humilde, Pureza morava em bairro afastado, na periferia. De riqueza, só a beleza. Ah, nisso sim! Rapariga nenhuma do rincão era mais afortunada que ela.

Dr. Honório se entregou. Começou o “cerca-lourenço” pausadamente, sabia que não podia intimar querença nem botar lei no coração de ninguém. Os fatos foram escorregando, fazendo subir esperanças. Finalmente inauguraram o namoro de paixão, noivado de promessas, casamento em pompas que balançou cidades vizinhas com o tamanho da festança. Destaques nas

manchetes dos jornais. Disse-me-disse nas resenhas dos cochichos.

A noiva sempre frequentou cultos, mas nunca foi benta. Em miúdos: não dava bola às maledicências das bisbilhotices. Resolvida, fazia o que bem queria, exercitava no que gostava. Com a aliança balançando na mão esquerda, mudou de vida, manteve os costumes.

Feliz com a decisão amorosa proferida, o cumpre-se desenrolava-se nos conformes alinhavados pela ternura. Honório não pensava em outra coisa que não a de chegar em casa para casar descanso. Estava no céu.

Como quase tudo que é feito um dia é dito em outro, por mais que se esconda ou demore, uma conversa atravessada fez subir à razão de Honório um sentimento de inquietação nunca antes remexido na alma, processo difícil de lidar. A sensação de um crescimento da testa para cima fez encucação, piorando no momento em que percebia aqueles, entendidos como amigos, mudando de assunto, saindo de fininho quando tentava rondar a questão.

A tristeza crescia, inchava o peito de Honório, empolava a cabeça.

Não demorou. Uma conclusão precipitada, talvez, sabe-se lá dos verdadeiros motivos, fez recair cisma sobre Nulinho. Honório perdia horas imaginando que as partes, ex-namorados, pudessem ter reatado o relacionamento antigo que a esposa dizia ter sido coisa infantil, ocultado que se dera, na verdade, no fogo da adolescência.

Futricaram que o juiz falou em providências, comentara casos que passaram pela sua vara, citara desforras que acabaram tragicamente.

Uma sentença vazada chegou como um furação à capacidade de Dona Cassandra em dirimir litígios quando se tratava do filho. Na verdade o assunto fora cuidado, levado pelos fofoqueiros, línguas que desdobram, aumentam, criam um lado pavoroso do que pode acontecer mas nunca que acontece.

Como em uma bola de neve, toda a conversa foi apenando na qualidade de vingança, de provocar tombo de nunca mais levantar para fazer sombra em ninguém debaixo do sol.

A tigela da sopa emborcou. Sem ser citada, a senhora Cassandra não tomou tento. Foi bater na porta do gabinete. A espera fermentou ainda mais. Entrou com ares de tirar satisfação.

Ao pisar no ambiente em que nunca botara o pé, convidada a sentar em uma poltrona com espaldar acima de sua cabeça por mais de metro, diante da oferta de um cafezinho e água, se acalmou, reorganizou as palavras treinadas pelo caminho, serenou a disposição que tinha em jogar, assim que chegasse, no arranco, tudo que sabia.

Depois de um tempinho entre a sua chegada e do ilustríssimo, gentilmente, perguntar no que poderia ser útil, a mulher, sossegada, começou:

— O senhor é um trabalhador muito ocupado, muito admirado na cidade inteira, sabedor de como colocar panos quentes onde deve, ajeitando situações que ninguém mais seria capaz. O doutor sabe que sou mãe do que todos conhecem por Nulinho, não é mesmo? Estou aqui para tirar umas suspeitas, umas coisas que estão me deixando sem lugar, até fazendo desandar o que venho amassando para bolos, broas.

Dona Cassandra calou por um momento, aguardou a reação de lá pra cá que veio apenas com a palavra “continue”, o que ela fez sem cerimônia:

— Em outras palavras, acho que concorda quando dizem que temos que ter mão da gente mesmo, que não podemos desorientar por qualquer chuva, temos que ficar firmes no aguaceiro para não cair, não sermos levados pela enxurrada. Mas com relação à vida dos outros, até onde alguém pode controlar? Até onde seguramos as rédeas das vontades que não são nossas? Falam, com isso, que as pessoas poderosas podem muito, mas não podem com tudo.

— Não estou entendendo. — Replicou o juiz.

Dona Cassandra recomeçou paulatinamente:

— Pois então vamos largar de arroteio. Não quero dúvidas em nossa prosa. Se o senhor tem a tenção de condenar meu filho na forca, é bom se preparar para fazer um cadafalso maior, para caber mais gente.

O juiz remexeu-se impaciente na cadeira. Voltou rapidamente à posição anterior para não

deixar transparecer qualquer desinquietação. Quando limpou a garganta, insinuando tomar a palavra, não teve chance, a dama se adiantou:

— É simples. Se é verdade o motivo de suas intenções contra meu Nulinho, digo que é um erro, dos grandes. Se é verdade também o que dizem por aí, acho também que não se trata de contravenção nem de crime maior, que a lei pode punir. A gente sabe que rosca açucarada, quando fica exposta, não chega só uma formiga, sozinha. Não é verdade?

O magistrado, calado, abaixou os olhos, prestando atenção nos próprios dedos que tamborilavam no tampo da mesa. Rapidamente recolheu a mão e a cruzou com a outra no colo, para disfarçar o nervosismo. Levantando os olhos novamente, encarou sua interlocutora. O silêncio imperou na sala até que D. Cassandra o quebrou:

— Olha doutor, sou mulher de não enjeitar assunto nem trabalho, não fico calada quando mexem comigo, não deixo os braços bambos para medir preguiça. Se preciso, a gente pega num machado, num facão, seja lá o que for. Se o senhor

está achando que meu filho buliu com mulher casada, isso eu não posso afirmar. Quem pode fazer juramento, de Bíblia, sobre tal?

O jurista apenas mordeu os lábios, mirou, sobrececho. Ela engatou conversa:

— Temos de aceitar umas verdades dos tempos atuais. Em um lugar pequeno que nem o nosso, sem querer ofender, quase uma vila ainda, todo mundo conhece todo mundo. Os mais jovens têm lá as coisas deles de colégio, esporte, clubes, o que não pode fazer se não bem. Está de acordo? E é pensando nisso que aprendemos a diferenciar entre coleguismo e outros procedimentos. Os costumes deles mudaram, têm modos, inocentes até, que podem fazer confusão no nosso entendimento, mas é a juventude, nos dias de hoje...

— Tá certo. — Pronunciou o juiz, falando por falar, dando corda como quem quer ouvir tudo que pode. E ouviu mais um pouquinho:

— Já disse. O senhor é um homem honrado, a cidade toda sabe disso, da mesma forma que sabe de outras coisas. O povo é falador, gosta

mais de repassar quando o assunto é o alheio, acrescentam um torto aqui, apimentam outro ali e batem o martelo como se fato no vero. Mas a culpa não é de ninguém. Tem coisa que foi, continua sendo e ninguém consegue mudar. Não sei se o senhor me entende, mas o que há de se fazer se o que nasce para limão nunca poderá dar laranja d'água? O pé de chuchu também não pode dar melão, mesmo sendo aparentados, da mesma família até, como dizem que é.

O ouvinte permaneceu com os olhos fixos em um ponto qualquer, mas sem enxergar nada. Uma decisão tomou. Radical. Irrevogável.

— Quer dizer que ... — Quis indagar alguma coisa o togado, mas, sem ânsia de resposta que fosse, temeroso de desviar o assunto, se calou esperando por mais detalhes que aquela senhora pudesse portar, dizer de livre e espontânea vontade.

Mas Cassandra deu por esgotados seus argumentos para uma conversa calma. Antes que a situação a obrigasse soltar as primeiras palavras desbragadas, se levantou, se despediu edu-

cadamente desejando “boa tarde” em voz baixa, acompanhada com o lento movimento vertical da cabeça, reverência que não sabe de onde tirou. Arrematou com um “passar bem”, pegou a sombrinha e partiu.

Em saraus nos dias que se seguiram, marido e mulher, felizes, anunciavam uma nova etapa da vida dizendo que o douto fora nomeado para um cargo importante na capital.

Pouco tempo depois, a transferência foi efetivada. Da mudança maior que os bisbilhoteiros excitados esperavam acontecer, em todo o caso especulado, o caminhão tomou conta.



## Fabiano A. Salim

nasceu em Patos de Minas. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais. É Engenheiro Agrônomo. Autor de diversos contos publicados em antologias, revistas e jornais. Editou seu primeiro livro em 2015. Recebeu diversos prêmios literários. Contato com o autor:

[fabianosalim@gmail.com](mailto:fabianosalim@gmail.com)